

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EM COMISSÃO DE HETEROIDENTIFICAÇÃO NO IFES CAMPUS VITÓRIA

Autores: Jailson do Nascimento de Oliveira (IFES-Vitória, jnoliveira@ifes.edu.br); Denise da Silva Lemos (IFES-Vitória, denisel@ifes.edu.br) e Weksley Pinheiro Gama (IFES-Vitória, weksley.gama@ifes.edu.br)

GT03 – Experiências Em Ações Afirmativas No acesso E Permanência De Estudantes Na Educação Básica: Negros e Indígenas

RESUMO

O presente relato discute a experiência de atuação em comissões de heteroidentificação, vinculadas à consolidação das políticas de cotas raciais no Brasil, instituídas pelas Leis nº 12.711/2012 e nº 12.990/2014. A criação dessas comissões emerge como instrumento necessário para assegurar que o espírito das ações afirmativas seja cumprido, garantindo que o acesso às vagas reservadas beneficie efetivamente pessoas pretas e pardas que vivenciam o racismo estrutural e suas consequências históricas. Nesse sentido, a heteroidentificação não se configura como prática de constrangimento ou exclusão, mas como mecanismo de justiça social e de promoção da equidade.

A atuação das comissões envolve aspectos práticos que demandam preparo técnico, diversidade em sua composição e protocolos objetivos para reduzir subjetividades e assegurar legitimidade. O critério central de análise é o fenótipo, compreendido a partir do olhar social, mais do que pela ascendência familiar. A experiência relatada evidencia que a dinâmica de deliberação exige diálogo coletivo, registro sistemático e, em alguns casos, reavaliação por meio de registros audiovisuais, reforçando a importância de decisões fundamentadas e colegiadas. Entre os desafios enfrentados, destacam-se fraudes em autodeclarações, dilemas éticos relacionados à categoria “pardo”, pressões externas, judicializações e os impactos emocionais decorrentes do processo tanto para candidatos quanto para os avaliadores.

O relato mostra ainda como a ausência de uma educação antirracista no sistema escolar brasileiro contribui para que candidatos negros, inclusive retintos, relutem em se autodeclarar pretos, optando por se identificar como pardos. Esse fenômeno reflete a persistência do eurocentrismo e da desvalorização da identidade negra no imaginário social. Assim, a atuação das comissões de heteroidentificação ultrapassa a dimensão técnica, assumindo caráter pedagógico e crítico, uma vez que contribui para a compreensão das desigualdades raciais e para o fortalecimento da luta contra o racismo institucional. Ao compartilhar essas experiências, busca-se reforçar a relevância da heteroidentificação como prática ética, educativa e comprometida com a efetividade das políticas de ação afirmativa.

Palavras-chave: heteroidentificação; cotas raciais; racismo estrutural.